



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com prefeitos e governadores contemplados na seleção do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC II – eixos “Cidade Melhor” e “Comunidade Cidadã”

Palácio do Planalto, 06 de dezembro de 2010

Eu vou... Eu vou dispensar a nominata, porque vocês sabem que eu costumo dizer que político sem mandato nem vento bate nas costas. Então, eu estou aproveitando essa última brisa desse ventinho que está entrando ali.

E eu queria começar uma prosa com vocês, fazendo um serviço de utilidade pública aqui, sobretudo para o estado do Acre, o estado de Rondônia, o estado do Amazonas, o estado de Roraima, Bahia, Pernambuco, Ceará, Sergipe, Piauí, Rio de Janeiro, Maranhão e algumas regiões de São Paulo e regiões de Minas Gerais: este mês, graças a Deus, começa, no dia 23, o verão. E, junto com o verão, vem uma coisa desagradável chamada dengue. E estes estados que eu citei, muitos deles já devem ter sido visitados pelo ministro Temporão, que ficou de visitar todos os estados para conversar com os governadores e para conversar com os prefeitos sobre como combater a dengue.

E todo mundo sabe que além de tudo o que tem que ser feito na área da saúde, sobretudo a dengue é uma questão de limpeza, é uma questão de cuidados preventivos que a gente tem que ter. É importante que, em cada estado, cada governador reúna os prefeitos das cidades que vão ser mais afetadas e estimule esses prefeitos a fazerem um processo de mutirão de limpeza enquanto é tempo, porque se não fizermos isso a gente vai constatar, depois, apenas os números publicados na imprensa, da quantidade de mortes por regiões.

Então, esses estados aqui são os estados que, segundo o Ministério da



Saúde, estão em estado de alerta porque serão os estados mais afetados. E é preciso começar a trabalhar ontem, anteontem, para que a gente possa mobilizar prefeitos, cada prefeito mobilizar os moradores, e tentar motivar, quem sabe até estimular um prêmio valorização de alguma coisa, para que as pessoas saibam o tipo de procedimento que tem que ter e para que as pessoas cobrem uns dos outros, porque é um processo de cobrança. Se eu mantenho a minha casa adequadamente limpa, para evitar o mosquito da dengue, e o meu vizinho não mantém, eu posso pegar dengue, apesar do sacrifício que eu fiz, de limpar a minha casa.

Então, é um problema, é um problema de a gente discutir com mais seriedade com a população, discutir com muita seriedade o trabalho que cada bairro tem que fazer, cada prefeito, cada rua, cada vila, não é um problema do prefeito apenas. Cada cidadão tem que assumir a responsabilidade de cuidar da sua própria saúde e os governantes tentarem ajudar com aquilo que é pertinente aos municípios.

Então, eu queria fazer esse apelo em nome do companheiro Temporão, que já foi a alguns estados. E vou repetir: Acre, Rondônia, Amazonas, Roraima, Bahia, Pernambuco, Ceará, Sergipe, Piauí, Rio de Janeiro e Maranhão, e algumas regiões de São Paulo e Minas Gerais. São as áreas mais afetadas e, portanto, são as áreas que precisam de maior cuidado.

Não sei, Temporão, se você passou para os governadores, dentro de cada estado, quais as regiões mais afetadas, porque aí nós temos determinados locais, fica mais fácil a gente combater, fica mais fácil a gente combater. Haverá um dia em que a gente vai conseguir fazer com o mosquito da dengue aquilo que a gente já fez com a mosca que morde as frutas lá no Nordeste, ou seja, você sabe que a gente tinha dificuldade de vender fruta no Nordeste e exportar, porque tinha a chamada “a mosca do fruto”, ou seja, a mosca mordida o fruto, desovava lá e pronto, estragava a fruta.

Então, nós temos uma fábrica de mosca em Juazeiro da Bahia. Uma



fábrica de mosca, em que a gente produz o macho estéril ou uma fêmea, a gente solta no meio das frutas, ele vai acasalando, como só vivem 15 dias o “mosco” e a mosca, eles vão morrendo, vai nascendo e não vai mais procriando e a gente vai acabar. Quem sabe um dia a gente consiga criar um mosquitinho estéril e a gente começa a soltar esses bichinhos e a gente acaba com essa “desgrama” do mosquito da dengue. Para quem não sabia, vocês saem daqui sabendo: Lula é cultura. Então, vocês...

Bem, vocês viram que o discurso de despedida, aqui, está recheado, eu não vou utilizá-lo, não. Eu queria dizer para vocês que para mim é muito gratificante poder, a pouco mais de 20 dias de deixar a Presidência da República, a gente poder viver este momento aqui. Porque, em outros tempos, os Presidentes estavam escolhendo qual a porta dos fundos que iam sair, em outros tempos jamais, nem no começo, nem no meio e nem em final de mandato, o Presidente ousava se reunir com governadores e com prefeitos, porque eles tinham vocês como chatos, que só vêm aqui atrás de dinheiro, e as pessoas não gostavam de se reunir com prefeitos e com governadores.

E nós estamos, aqui, comprovando que o Brasil mudou. E ele não mudou por causa do Lula, ele não mudou por causa da Dilma, ele não mudou, individualmente, por causa de nenhum de vocês. O Brasil mudou porque, coletivamente, nós mudamos o jeito de nos comportar diante uns dos outros. Porque antigamente era fácil, era fácil ser prefeito. No tempo em que vocês não tinham dinheiro para fazer nada e jogavam a culpa em cima do governador. O governador também não tinha dinheiro, como disse o Padilha, era chamado aqui só para discutir ajuste fiscal, venda do banco estadual e negociação de dívida, o governador também, como não tinha nada para fazer, ficava na imprensa, o tempo inteiro, dizendo que era o governo federal que estava asfixiando o estado. E o governo federal, como não tinha a quem culpar, culpava prefeitos e governadores, que gastavam demais. E, aí, todo mundo vivia brincando de enganar todo mundo, e nós fomos percebendo o Brasil viver



um processo de deterioração administrativa.

Se a gente olhar as grandes favelas no Brasil – e poderíamos pegar São Paulo, poderíamos pegar o Rio de Janeiro, poderíamos pegar Belo Horizonte – a gente vai perceber que as favelas começaram a crescer muito mais fortemente nos grandes centros urbanos a partir dos anos 70. Eu lembro que nos anos 70, em São Paulo, a gente conhecia duas favelas famosas: a Favela do Vergueiro, que hoje é um grande conjunto habitacional, um bairro de classe média; e a Favela da Vila Prudente, que hoje, ainda, metade é favela, mas bem menor do que aquela que era. Mas São Paulo, hoje, tem mais de 2 milhões de pessoas morando em favelas, ou seja, já não é mais uma ou duas favelas, são dezenas e dezenas de favelas. E assim vale para cada cidade, para cada estado.

Seria importante se cada um de nós tivéssemos a felicidade de pegar uma foto aérea do que era a nossa capital em 1970 e comparar com o que é agora, seria importante, para a gente ver o que foi o resultado da chamada “década perdida” neste país.

Quantos governantes foram eleitos prefeitos das suas cidades, terminaram o mandato de quatro anos e não conseguiram fazer um buraco de um metro para fazer uma obra? Quantos governadores passaram mandatos sem ter recursos para fazer uma obra que pudesse mudar a cara do estado? E isso não acontecia porque a economia não crescia, não acontecia porque o estado vivia a pagar as suas dívidas.

A verdade é que em muitos estados se gastou mais do que deveria gastar, se endividou mais do que se deveria endividar. E quando a dívida é muito pesada para carregar, por mais competente que seja o administrador, ele começa a ter problema na coluna, de tanta força que ele faz para carregar a dívida.

Hoje, vocês passaram a fazer parte de uma geração em que parte desses problemas foram resolvidos. O Estado brasileiro, hoje, tem condições



de fazer investimento. As prefeituras, hoje, apesar de nos últimos dois anos ter tido uma queda no FPM, as prefeituras hoje estão em muito melhores condições do que estavam há cinco anos, há dez anos. E o desenvolvimento chegou a todo o território nacional. Essa é a mudança substancial do que está acontecendo neste momento no Brasil.

Eu conheço prefeito que foi prefeito há duas gestões, prefeito de cidade de 300 mil habitantes, de 400 mil habitantes. E esse prefeito passava o mandato inteiro com um processo aqui em Brasília, para ganhar um dinheirinho para fazer uma coisa, e terminava o mandato, esse processo não era apreciado, o dinheiro não era destinado e essa pessoa terminava o seu mandato sem receber um real. Certamente, nós ainda não estamos dando todos os recursos que os prefeitos e os governadores precisam. Mas, certamente, nunca houve tanta participação como existe hoje, de dinheiro público federal, nas obras municipais e nas obras estaduais.

E eu sei que tem prefeito novo aqui, tem prefeito que está com um ano, ainda vai completar dois anos de mandato. Eu queria dizer para vocês, e prestem atenção em uma coisa: essa moça que vai para o Planejamento e que, junto com ela, deve levar essas coisas do PAC, ela conhece como ninguém e, portanto, não é a choradeira de um prefeito que faz dinheiro. Os prefeitos precisam aprender a fazer projetos, se não tiver dinheiro, é mais fácil vir aqui e pedir dinheiro para fazer o projeto do que ficar tentando dinheiro sem projeto, que não há possibilidade de ter dinheiro se não tiver um projeto factível. E projeto, meus companheiros, é que nem álbum de fotografia. Eu falo isso sempre, mas a gente tem que repetir sempre: às vezes, você vai a um batizado, a um casamento ou a uma festinha, tem uma figura lá, meio chata, com uma máquina, tirando fotografia, para lá e para cá, quando termina a missa, o cidadão vai lá e dá um cartãozinho: “Eu sou fotógrafo. O senhor quer encomendar um álbum”? A primeira coisa que você fala é: “Não, não pedi”. O coitadinho vai embora com o rabo entre as pernas. Passado dez dias, ele



passa na casa de vocês, está lá ou o pai ou a mãe, aí ele mostra a fotografia do filhão bonito, porque todo mundo acha que o filho dele é o mais bonito do mundo, do “filhão mais bonito do mundo”, aí mostra uma foto, duas fotos. Aí o cara já pergunta: “Quanto é?”, e compra. O governo é a mesma coisa. Não tem ninguém que sabe me enganar mais do que o Rio de Janeiro – está aqui o Pezão. Eles criaram uma fábrica de fazer projeto, e não me mostra só o projeto, já mostra um filme do que vai ser. Então, é quase que inaceitável. Ele está tão aperfeiçoado que, daqui a pouco, ele me apresenta a obra pronta.

O dado concreto, eu estou brincando com o Pezão, mas o dado concreto, companheiros, sobretudo prefeitos, apresentem projetos, façam projetos, porque é o projeto que vai fazer com que vocês tenham dinheiro para fazer as coisas que vocês consideram importante nas cidades. Não percam tempo atrás de “emendinha” parlamentar, não percam tempo atrás... Tudo isso ajuda, mas se você quiser uma coisa estruturante, percam tempo fazendo projeto, compensa, compensa. E só venha a Brasília ou pedir dinheiro para fazer o projeto ou quando estiver com o projeto feito, porque senão você entrega um papel em qualquer ministério, nenhum ministro vai deixar de ler, não sei daqui quantos vão ficar ministros, mas ninguém vai deixar de pegar um papel de vocês, mas ele pega, vê que não vale muita coisa, deixa lá. E você volta para a sua cidade todo alegre: “Deixei um projeto com o Paulo Bernardo, no Planejamento. Entreguei um projeto para a Miriam”. Meu caro, se não estiver bom, volta outra vez, porque senão o projeto teu não vai sair.

Então, o projeto é condição *sine qua non*... Gostou do *sine qua non*? Isso aqui é da minha relação com os franceses, aprendi a falar. Então, meus companheiros, o projeto é a condição básica para vocês conseguirem liberar os recursos de vocês. E isso vale para os governos dos estados também. O Padilha tem razão, nós fizemos projeto aqui que, quando nós perdemos um ano para trabalhar, você ia ver, o projeto estava superado.

Eu, uma vez, em 1980, eu fui fazer uma... Em 1976, eu fui fazer um



clube de campo, lá no Sindicato dos Metalúrgicos. A prefeitura me deu um terreno, depois que ela me deu o terreno, eu descobri que o terreno estava hipotecado para um banco suíço, e a Secretaria de Trabalho de São Paulo resolveu, graciosamente, me dar o projeto. E me deu o projeto e, por conta do projeto me deu também, de graça, a terraplanagem. Só que quando começou a terraplanagem, o projeto que eles iam fazer precisava de dois terrenos igual ao que eu tinha. Aí precisamos aterrar o terreno outra vez. E, aí, não fizemos o clube, porque o banco entrou na Justiça, e nós paramos a obra do clube.

E eu não quero que isso aconteça com vocês. Não trabalhem com projeto velho, o projeto velho é uma bela ideia, reestudem ele, coloquem gente especialista. Cada prefeitura e cada governo de estado devem ter, agora, um departamento de projeto, é importante que a gente tenha um departamento de projeto, porque é isso que vai fazer andar as coisas neste país.

Vocês sabem que a companheira Dilma, ela, nesses cinco anos de coordenação do PAC, ela é muito preparada para discutir com vocês. Tem uma turma ali, na Casa Civil, coordenada pela Miriam, que é muito preparada. Portanto, as coisas podem fluir com muito mais facilidade daqui para frente, porque nós já aprendemos. Nós temos mais dinheiro, nós já aprendemos, e nós queremos fazer. Então, o PAC 2 é o aperfeiçoamento do PAC 1, com muito mais dinheiro e com muito mais recursos.

Vocês, prefeitos, estão lembrados que este país não dava dinheiro para drenagem. Quem é o doido que vai querer dinheiro para empurrar embaixo d'água, embaixo da terra? Ninguém dava. Nós, agora, estamos colocando muito dinheiro para fazer drenagem, para ver se a gente evita as desgraças que acontecem quando dá uma chuva muito forte.

Então, queridos companheiros e companheiras, eu deixo a Presidência da República com a sensação de dever cumprido. Eu, a vida inteira, tive que provar muitas coisas. E uma das coisas que eu precisava provar é que era possível governar este país melhor do que ele tinha sido governado, era



preciso provar, eu tinha que provar. E eu vinha para cá com a missão de fazer dar certo, porque se não desse certo, se não desse certo, nunca mais alguém que tivesse passado por dentro de uma fábrica e que não tivesse sido formado em algum curso de doutor jamais poderia governar este país. Então, era preciso provar que este país tinha que dar certo.

Então, veja, nós provamos isso de 2002 a 2006, eu fui reeleito; provamos de 2006 a 2010... O segundo mandato, que eu tinha medo, para mim foi uma bênção. Hoje eu agradeço a Deus ter tido o segundo mandato, porque a gente pôde fazer muito mais. Acho que nunca na vida, este país, as pessoas que trabalham no governo, trabalharam tanto, nunca. Eu, quando eu vejo um peão de fábrica dizer: “Eu trabalho muito”, é porque ele não é presidente, se fosse presidente ele ia saber o quanto trabalha. Eu digo sempre: quando estava na fábrica, eu tinha horário para entrar, horário para sair, eu sabia que o sábado e o domingo eram meus, e ainda, na hora do almoço, poderia tomar umas canas. Aqui, eu não tenho horário para entrar, não tenho horário para sair e não posso tomar as canas. É duro.

Então, eu vou sair em uma situação privilegiada, porque eu também tinha, eu também tinha um desejo: fazer a sucessão. Eu disse, desde o começo do meu segundo mandato: fazer a sucessão faz parte do meu programa de governo. Ou seja, fazer a sucessão significa a gente garantir que tenha continuidade.

Eis que apareceu a possibilidade de eleger uma mulher, e o Brasil vai viver a primeira experiência da República, de ter uma mulher presidenta da República, depois, depois da Princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea, a Dilma passa a ser a primeira mulher que vai assinar todas as leis que vão ser votadas neste país.

Então, eu estou, estou feliz, estou feliz porque eu acho que o Brasil não tem volta, não tem volta, ou seja, o que está para acontecer no Brasil já está plantado, as coisas já estão dadas. E eu dizia para a Dilma, lá em Tucuruí, eu



dizia para a Dilma, lá em Tucuruí: ela vai receber um país em que três das principais hidrelétricas feitas no mundo estão sendo feitas no Brasil: Santo Antônio, Jirau e Belo Monte. E são investimentos de mais de R\$ 40 bilhões. A maior quantidade de quilômetros de ferrovias que estão sendo feitas no mundo, se a gente concretizar até a semana que vem, até sexta-feira, a Oeste-Leste, na Bahia, serão, exatamente, na Bahia, a Transnordestina, a Oeste-Leste e o término da Ferrovia Norte-Sul e assinatura de contrato para levá-la até Estrela D'Oeste, em São Paulo, ligando definitivamente o Porto de Itaqui, no Maranhão, ao Porto de Santos.

Não tem nenhum país, neste instante, fazendo cinco refinarias, como nós estamos fazendo, cinco. Se vocês imaginarem os investimentos em refinaria, US\$ 19 bilhões no Maranhão, acho que US\$ 12 bilhões no Ceará, US\$ 12 bilhões em Recife – vai contando, Tarso – mais de US\$ 20 bilhões o Comperj, no Rio de Janeiro. Quanto que é, Pezão, o Comperj? Quanto? Sessenta e três? Isso em refinaria. Não tem nenhum país do mundo fazendo isso. E, além do que, nós temos a Petrobras com investimento já garantido de US\$ 224 bilhões até 2014, por conta do petróleo, do pré-sal.

Além disso, além disso, pasmem, pasmem. Quem é de São Paulo aqui? Pasmem: nós vamos fazer um estaleiro em São Paulo, lá em Araçatuba. Não tem nem mar, mas nós vamos lá fazer o estaleiro em Araçatuba, que é um estaleiro para construir barça, porque aquela tal de eclusa, a hidrovia do Tietê, só funciona 20% dela, ou seja, a sua capacidade. Nós, agora, a Transpetro vai assumir a responsabilidade, nós vamos fazer estaleiro lá, para construir barça e ocupar 100% do potencial da hidrovia do Tietê. Daqui a pouco vamos levar até para o Rio de Janeiro... para Minas Gerais, fazer um estaleiro na Pampulha. É só brincar, que vai ver o que vai acontecer.

Então, companheiros e companheiras, eu acho que o momento é esse. Além disso, nós vamos ter Copa do Mundo em 2014, Copa da Confederação em 2013, Jogos Olímpicos Militares de 2011, Olimpíadas de 2016 e Copa das



Américas... e Copa de 2015. Ou seja, serão cinco anos em que nós não seremos campeões de alguma coisa se fizermos feio como o Coringão fez ontem, que deixou o Fluminense ser campeão. Sinceramente.

Então, eu quero, quero dizer para vocês: Olhem, trabalhem. Trabalhem, porque o Brasil não vai voltar atrás. Não se esqueçam que eu vou continuar fazendo política, tem eleição para prefeito em 2012, certamente eu vou estar andando por aí. E quero dizer para vocês que foi gratificante para mim poder estabelecer essa relação com vocês.

Eu tenho a mais plena convicção, mesmo para aqueles que não gostam de mim – não há nenhuma razão para não gostar, porque eu gosto dele, nenhuma razão –, mesmo para aqueles que, por qualquer coisa, não gostem, eu duvido que já teve, na República brasileira um presidente que tratasse os prefeitos com o carinho que nós tratamos nesses oito anos da minha presidência.

E também, e também os governadores, também os governadores. Mesmo aqueles governadores que eram amigos de outros presidentes da República sabem que receberam menos dinheiro do que quando estive na Presidência uma pessoa que ele não concordava.

Eu acho que a lição que fica de tudo isso é que o jeito republicano de você governar uma cidade, um estado e uma nação só se dá quando você tem a mente aberta, a mente arejada. Ou seja, ganhar a Presidência da República não te dá o direito de só colocar os teus no governo, de só atender os teus no governo. A grandeza não é atender os teus, a grandeza é atender a todos, sem perguntar quem são nem para onde vão, mas apenas respeitar que esse, que mesmo que você não gosta, foi eleito tão democraticamente quanto aquele que você gosta, e só por isso merece o nosso respeito.

É assim que nós governamos oito anos, é assim que eu tenho certeza que a companheira Dilma vai governar, e é assim que eu penso que as prefeituras e os estados precisam ser governados.



Muito obrigado a todos vocês. Eu espero que vocês não permitam que as conquistas que vocês tiveram sejam diminuídas por qualquer pequenez política individual de cada um de nós. As conquistas foram muitas, e elas precisam ser consolidadas, porque quanto mais a gente conquista, mais a gente percebe que precisamos conquistar mais a cada dia. É isso que fortalece a nossa relação e é isso que fortalece a nossa democracia.

Um abraço e bom PAC 2 para vocês.

(\$211 A)